

SEMANA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

WEEK OF AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS STUDIES: FOR AN ANTI-RACIST EDUCATION AT THE FEDERAL INSTITUTE OF PARANÁ

Camile Ribeiro Texca¹
Everton Ribeiro²
Fábio Lucas da Cruz³

RESUMO

O presente artigo apresenta relatos sobre as edições da *Semana de Estudos Brasileiros e Indígenas* do Instituto Federal do Paraná – Campus Campo Largo, que é organizada anualmente pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). O evento visa compartilhar resultados de pesquisas, ações de extensão e atividades culturais voltadas ao respeito às diversidades e ao combate à discriminação racial. As atividades foram realizadas de forma virtual em 2020 devido à pandemia de COVID-19. Por meio da descrição das palestras, debates e concursos culturais que caracterizaram os eventos, o artigo objetiva discutir a relevância das atividades extensionistas para a Educação das Relações Étnico-Raciais e os impactos da pandemia na promoção de eventos virtuais relacionados a temáticas como diversidade e antirracismo. Participantes inscritos na *Semana de Estudos* responderam a questões para avaliar as atividades e indicaram que o evento foi exitoso. De forma majoritária, o público afirma que participaria novamente de uma ação extensionista nos mesmos moldes. Novos espaços de formação e debate foram conquistados com o modelo a distância, pois houve maior interação de participantes e palestrantes de locais longínquos. Todavia, o evento virtual impossibilitou a realização de oficinas, apresentações de dança, dramatizações e pinturas de murais. Por isso, defende-se o formato híbrido para as próximas edições, já que manteria a comunicação com representantes de movimentos sociais e universidades de todo o Brasil e, ao mesmo tempo, garantiria interação e proximidade com a comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação antirracista; Cultura afro-brasileira e indígena; Extensão.

ABSTRACT

This article presents reports on the Week of Brazilian and Indigenous Studies of the Federal Institute of Paraná – Campo Largo Campus, which is organized annually by the Nucleus of Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI). The event aims to share research results, extension actions and cultural activities aimed at respecting diversity and combating racial discrimination. In 2020, due to the COVID-19 pandemic, activities were carried out virtually. Through the description of the lectures, debates and cultural contests that characterized the event, the article aims to discuss the relevance of extension activities for Education for Ethnic-Racial Relations and the impacts of the pandemic on the promotion of virtual events related to themes on diversity and anti-racism. Answers to the questions proposed to the participants of the Study Week were intended to evaluate the activities and indicated that the event was successful and that the public would participate again in an extension action along the same lines. New spaces for training and debate were conquered with the distance model, there was a greater

¹ Estudante do quarto ano do curso Técnico em Automação Industrial - Ensino Médio Integrado, no Instituto Federal do Paraná, Campus Campo Largo. É bolsista do projeto “Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas” pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX/IFPR) e membro do NEABI Campo Largo.

² Professor do Instituto Federal do Paraná. Doutor em Educação (Desenvolvimento Humano) pela Universidade Federal do Paraná com estágio de doutoramento sanduíche pelo Departamento de Desenvolvimento e Ciências da Família, na Universidade do Texas. É membro do NEABI Campo Largo e líder do grupo de pesquisa Laboratório Multidisciplinar de Estudos em Relações Étnico-Raciais e Diversidade (LAMER/CNPq).

³ Professor do Instituto Federal do Paraná. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. É membro representante do NEABI Campo Largo e líder do grupo de pesquisa Laboratório Multidisciplinar de Estudos em Relações Étnico-Raciais e Diversidade (LAMER/CNPq).

geographic reach of participants and speakers, and it was possible to give greater visibility to NEABI's actions. However, the virtual event made it impossible to hold workshops and roundtables. The article defends the hybrid format for future editions, as it would maintain communication with representatives of social movements and universities throughout Brazil and, at the same time, guarantee interaction and proximity with the school community.

KEYWORDS: Anti-racist education. Afro-Brazilian and indigenous culture. Extension.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) foi criado e regulamentado no Instituto Federal do Paraná - IFPR pela Resolução n. 71, de 20 de dezembro de 2018. O NEABI tem o papel institucional de desenvolver atividades que contribuam para a valorização da história, das identidades e culturas negras, africanas, afrodescendentes e dos povos originários tradicionais para a superação de diferentes formas de discriminação étnico-racial.

No Campus Campo Largo, região metropolitana de Curitiba, o NEABI promove anualmente, dentre outras atividades, a *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas*. Sua primeira edição ocorreu em 2019, nas instalações do próprio campus, enquanto a última edição – ocorrida em 2020 – se desenvolveu no formato totalmente virtual devido à pandemia de COVID-19. Ambas as edições foram realizadas no mês de novembro, na semana em que se celebra o Dia da Consciência Negra.

A *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* põe em discussão temas relacionados às histórias e culturas indígenas, afro-brasileiras e ao antirracismo. Propõe-se a apresentar vários aspectos das questões étnico-raciais sob a perspectiva de diferentes pessoas oriundas de diversas instituições de ensino e movimentos sociais do Brasil.

O público do evento foi constituído por estudantes do ensino médio e técnico, docentes de diferentes etapas da educação básica e estudantes de licenciatura. Os profissionais da educação precisam de mais oportunidades de estudos contínuos para concretizar formas de trabalhar as temáticas envolvidas com a africanidade e culturas indígenas a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando a realidade local do estudante, trabalhando de forma lúdica e instigante, utilizando e produzindo materiais didáticos com criticidade.

Atividades extensionistas são previstas no Estatuto do Instituto Federal do Paraná, seguindo os princípios da Lei n. 11.645 de 2008, que tornou obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais

para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, é necessário “mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas” (BRASIL, 2004). Em suma, a educação deve colaborar para que a sociedade supere preconceitos e estereótipos expressos em palavras, atitudes e ideias.

A educação para as relações étnico-raciais deve ser concebida como um conjunto de ações que integram uma estrutura de educação de qualidade. Desta forma, há necessidade de garantir amplo acesso à escolarização, melhoria da infraestrutura dos espaços educativos, valorização e capacitação dos profissionais de educação, promoção de gestões escolares calcadas na ampla participação da comunidade e promoção de igualdades de oportunidades e atitudes de combate ao preconceito, conforme enfatiza a seguinte descrição do pesquisador Kabengele Munanga:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Para compreender a percepção da comunidade sobre a identidade étnico-racial e os preconceitos, o NEABI do Campus Campo Largo promoveu uma pesquisa com 104 respondentes da comunidade. Os entrevistados apontaram que a realização de debates, rodas de conversa, palestras e estudos sobre a temática são fundamentais. Uma das perguntas feitas na pesquisa foi como o entrevistado definia o racismo. Em uma caixa de texto aberta em formulário digital, algumas das respostas registradas foram: “Algo muito ruim, porém que está enraizado na nossa sociedade”; “Algo abominável, mas existente”; “Um dos piores crimes”; “Crítico a uma pessoa pela sua aparência ou cor”; “Triste realidade”; “Como uma vergonha mundial”; “Ignorância, somos todos humanos”; “Ridículo”; “Falta de amor ao próximo”; “Algo podre do ser humano”. Essas respostas, que correspondem a uma pequena amostra coletada, indicam a necessidade de promover atividades extensionistas para informar e promover ações educativas que transformem percepções e hábitos ligados a quaisquer formas de preconceito.

Este artigo inicialmente descreve as ações realizadas nas duas edições da *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas*. Em seguida, avalia as atividades culturais e palestras virtuais do evento de 2020. Também mostra que, embora tenham assumido maior número numa situação adversa de pandemia, os eventos de extensão na modalidade virtual são favorecidos pelo uso das plataformas virtuais por congregar pessoas de diferentes locais que compartilham suas experiências e opiniões sobre a diversidade e a desigualdade no Brasil.

2 EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS NA SEMANA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

O planejamento do evento começa meses antes da Semana da Consciência Negra. Os membros do NEABI reúnem-se para definir o tema e a programação da edição. Os palestrantes convidados são pessoas já conhecidas pelos membros do NEABI, com os quais estes entram em contato para formalizar o convite e definir data e horário da palestra.

A opção para que o evento ocorra na mesma semana do dia 20 de novembro é uma forma de fortalecer a existência desta data no calendário acadêmico e visibilizar a luta e a resistência da população negra no Brasil, tendo em vista que a data faz clara alusão a Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, assassinado em praça pública no dia 20 de novembro de 1695. A criação do Dia da Consciência Negra foi uma conquista do Movimento Negro, em oposição ao 13 de maio, que atribui a abolição à Princesa Isabel e invisibiliza a violência e a exclusão sofridas pela população negra (NASCIMENTO, 2016).

Com a programação já finalizada, ocorre a divulgação do evento. Ela acontece principalmente nas redes sociais do NEABI e em grupos de *WhatsApp* do IFPR – Campo Largo. O NEABI mantém contato com outros núcleos semelhantes em localidades diferentes, os quais auxiliam na divulgação. Os participantes interessados em receber certificação ao final do evento realizam sua inscrição com antecedência pelo site *Even3*.

Além da *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas*, outras atividades no âmbito da educação para as relações étnico-raciais também foram promovidas pelo NEABI Campo Largo. Diante do contexto de pandemia, os membros do NEABI investiram em *lives* acerca de diversos temas para manter vínculo com os estudantes e divulgar informações sobre racismo, antirracismo, diversidade étnica e cultural. Os sorteios de livros permitiram atrair muitos seguidores. Antes da *Semana de Estudos*, o Instagram tinha 850 seguidores. Após a Semana, esse número aumentou para mais de mil. As redes permitem divulgar eventos de outros núcleos

de estudos, aproximar profissionais de diferentes instituições do país e promover ações educacionais e científicas.

As *lives* realizadas no ano de 2020 estão listadas a seguir:

24/04 – Cine-debate virtual: “Índio Cidadão?”

08/05 – “Raça e gênero: a militância de Lélia Gonzales”

21/05 – “A visibilidade da diferença nos seriados contemporâneos”

01/06 – “Desenvolvimento da Agroecologia em Moçambique: um olhar sob o prisma da mulher moçambicana”

18/06 – “Filosofia africana: a necropolítica como conceito emergente”

23/06 – “Mulheres em contextos autoritários – *live* de estudantes pesquisadores”

26/06 – “Todo mundo tem uma História para contar”

02/07 – “Mulheres na Ciência e Tecnologia”

11/08 – “As políticas do estado do Paraná e os movimentos de resistência de negros e indígenas (1853-1900) – *live* de estudantes pesquisadores”

24/08 – “A arte de Rimon Guimarães”

15/09 – “Representatividade negra na literatura infantil”

05/10 – “Alimentando oportunidades – a cozinha de Govinda: reflexões sobre a negritude no dia do empreendedor”

As *lives* valorizaram temas como grafite, literatura, cinema, feminismos e empreendedorismo, pois são pautas que despertaram maior interesse dos estudantes do Campus. Elas possuem linguagem coloquial e abordam diferentes culturas, além de discutir preconceitos reproduzidos cotidianamente. A partir de exemplos e questionamentos dos estudantes, os professores e artistas convidados abordaram conceitos científicos. Como instituição federal de ensino que atende tanto a educação básica quanto o ensino superior, o IFPR precisa envolver os jovens em suas atividades de modo a serem autônomos para pesquisar, expor e criar. No momento da pandemia, as *lives* foram efetivas formas de comunicação do NEABI do Campus Campo Largo com a comunidade. Segundo Soares e Silva (2021, p.187-188):

Essa memória, que é histórica e coletiva, precisa, às vezes, emergir usando recursos não convencionais no meio acadêmico: a estética negra, a dança, a música, os tambores, as expressões da cultura afro-brasileira, os símbolos e o questionamento de uma branquitude que se faz presente e visível em todos os espaços dentro da instituição; mas também os recursos usuais da academia, os estudos sistemáticos, a produção científica, as pesquisas e os debates dentro do meio universitário, sempre

importantes para que se construa, de fato, um espaço plural e não excludente de ideias. (SOARES; SILVA, 2021, p.187-188).

Durante a primeira edição da *Semana*, houve oficinas, palestras, debates e apresentações culturais nas instalações do IFPR – Campus Campo Largo durante os três turnos de aula (matutino, vespertino e noturno). Em 2020, todo o evento foi transmitido pelo *YouTube* e houve principalmente palestras e um cinedebate. Essas atividades foram realizadas nos horários da tarde e da noite. Na segunda edição, a presença dos participantes era controlada por formulários eletrônicos de presença disponibilizados durante o evento.

As oficinas aconteceram apenas na primeira edição, pois o formato virtual impossibilitou sua ocorrência. No total foram quatro oficinas, as quais permitiram que os estudantes participassem ativamente da atividade, conferindo ao evento de extensão uma dinâmica de interação, autonomia e criação, além de trocas de experiências entre participantes com distintas visões de sociedade e de cultura. A partir de sua concepção dialógica de educação, Freire (1977) definiu a extensão como uma via de mão dupla, composta por comunicação e ação cultural. Gadotti (2017, p. 11) destaca a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade intrínsecas às atividades que aproximam estudantes e profissionais de diferentes áreas para refletir sobre temas relevantes socialmente: “A extensão aproxima o aluno das demandas da sociedade, fortalecendo sua formação cidadã. Para o aluno, a extensão é também o lugar do reconhecimento e aceitação do outro e da diversidade”.

Figura 1 - Oficinas de fotografia e de turbante



Fonte: Os autores

Ministrada pela modelo e empresária Luciana Tavares e seu sócio Rodrigo Nick, a oficina “Novos olhares para a fotografia” buscou mostrar como o “belo” não é encontrado apenas na branquitude, como muitas vezes a sociedade e o racismo tentam impor. Luciana e Rodrigo são fundadores da *Tuttan Casting*, primeira agência com modelos majoritariamente negros em Curitiba, e usaram a experiência que têm com a agência durante a oficina.

A oficina de fufu, ministrada pela angolana Amanda Kissua, possibilitou que os participantes aprendessem mais sobre esse prato típico enquanto o preparavam, para depois saboreá-lo. Na oficina de Abayomis, os/as estudantes conheceram as bonecas da cultura iorubá consideradas símbolos de resistência, já que muitas escravizadas usavam as próprias roupas para fazer bonecas e assim amenizar o sofrimento dos filhos nos tumbeiros. Durante a oficina de turbantes, as/os estudantes puderam aprender mais sobre os tecidos, as formas de amarrar, a vinculação étnica de cada tecido e a importância do turbante como forma de resgate identitário e cultural.

Presente nas duas edições, as atividades culturais buscaram valorizar as expressões artísticas das culturas africana, afro-brasileira e indígena e torná-las conhecidas do público,

uma vez que a educação para as relações étnico-raciais tem como um de seus princípios a valorização dessas culturas como forma de expressão, trabalho e resistência. Sendo assim, é importante conhecer a diversidade de festejos, ritmos musicais, artistas, poetas e expressões linguísticas.

Em 2019, o grupo “Tambores do Paraná” fez uma exibição musical na qual abordou parte da história da chegada dos africanos no Brasil e resgatou elementos das religiões afro-brasileiras. Neste ano, houve também uma dramatização intitulada “Chega de mimimi”, concebida por estudantes vinculados ao projeto “Teia Teatral”, bem como a apresentação do grupo “IFencanto”, com músicas relacionadas às questões étnico-raciais. Outra atividade cultural foi a declamação de poemas de autores negros e indígenas.

Em 2020, as atividades culturais ficaram sob responsabilidade do Núcleo de Arte e Cultura (NAC) do Campus Campo Largo. Foi realizada uma exposição virtual na página do Instagram do Núcleo (@nac_cl) com o tema "Tempos de Resistência", o mesmo tema da II Semana. Foram apresentadas obras de Candido Portinari, Denilson Baniwa, Wilson Tibério, Maria Auxiliadora, Dalton Paula, Maxwell Alexandre, Estêvão Silva, Rosana Paulino e Sallisa Rosa. O Grupo de Música IFPR Campo Largo, vinculado ao NAC, também contribuiu com a apresentação de uma música diferente a cada dia, antes do início de cada uma das palestras.

Em ambas as edições foram realizados concursos culturais. Na primeira edição, os estudantes do campus puderam ilustrar uma possível logo para o evento. Durante a Semana, os participantes do evento puderam votar no desenho de sua preferência e no último dia foi anunciada a vencedora.

Figura 2 - Logo de Brenda Aggio, vencedora do concurso cultural da primeira edição



Fonte: Brenda Aggio, 2019

Na segunda edição, foi realizado um concurso de grafite. O desenho ganhador seria grafitado em uma das paredes do campus. A imagem vencedora foi produzida por Alexandre Padilha e Larissa Borssuk, estudantes do ensino médio integrado.

Figura 3 - Arte vencedora do concurso cultural para produção de grafite



Fonte: Alexandre Padilha e Larissa Borssuk, 2020.

Os autores da obra assim descreveram o trabalho:

A obra busca retratar a luta pela diversidade e algumas de suas grandes personalidades. As pessoas representadas vieram de diferentes contextos, períodos e posições sociais, porém com uma luta em comum. Mesmo que em diferentes frentes, todas essas pessoas lutaram pelo respeito, pelos direitos básicos e pela diversidade. Rita Lee cantava sobre liberdade sexual das mulheres e pessoas LGBTQ+ desde a década de 70; Francisco Julião foi um advogado e político brasileiro, que mesmo que não seja tão lembrado, teve participação importante na luta pelo direito à terra; Emicida mostrou como é possível ascender socialmente por meio da arte, e hoje além de ser um dos principais nomes da música contemporânea também é um dos líderes do movimento negro do Brasil; Nísia Floresta foi a responsável pela primeira escola para mulheres no Brasil, ainda no século XIX, e é considerada a primeira feminista do país; Geraldo Vandré compôs uma das músicas mais marcantes usadas no período da ditadura civil-militar, a qual até hoje é um hino de resistência em movimentos estudantis; Ailton Krenak é um dos principais nomes dentro das lideranças indígenas e marcou a nossa história com seu discurso na Assembleia Constituinte em 1987. A luta pela diversidade é marcada por diferentes pessoas, momentos, derrotas e vitórias. Esse mural é uma forma de nos fazer lembrar de alguns de seus momentos e pessoas e em um local como uma escola, um local de aprendizado, luta e diversidade. Essa obra pode servir como motivação e inspiração para os estudantes. (BORSSUK; PADILHA, 2020).

Também ocorreu, em 2020, um concurso de poesia denominado “Slam da Diversidade”. As poesias submetidas e declamadas em vídeo seguiam o tema “Diversidades, preconceitos e desafios por justiça”. A participação foi aberta a toda a comunidade. Ao todo,

foram cinco poesias e a escolha ocorreu por votação popular na página do Instagram do NEABI (@neabi_campolargo).

Visando promover mais discussões e compartilhamento de ideias, foram realizados debates, cinedebates e rodas de conversa. Os debates e as rodas de conversa ocorreram apenas na edição presencial e tiveram como temas “Moda e negritude”; “Racismo, juventude e sociedade”; “Intolerância religiosa no Brasil” e “Capoeira e cultura afro-brasileira”.

Os cinedebates de 2019 e 2020 discutiram, respectivamente, o documentário “The Story of Us”, com Morgan Freeman, e o curta-metragem “A Fada dos Doces”, de Tiago Nascimento. As atividades de cinedebate visaram apresentar produções de diretores e atores negros e entender como abordam os problemas socioculturais contemporâneos. O debate estimula o desenvolvimento de uma postura crítica em relação a estereótipos raciais ou culturais apresentados em muitas produções audiovisuais que invisibilizam as expressões artísticas da população negra e das comunidades indígenas.

É essencial destacar que um evento de extensão tal qual a *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* somente pode ocorrer a partir de uma revisão do currículo escolar, para que este esteja alicerçado na pedagogia da diversidade, em espaços de autonomia, trabalho interdisciplinar e colaborativo, com ampla participação dos estudantes. Uma extensão não parte da instituição para a comunidade, ambos constroem um projeto, uma atividade cultural ou um diálogo.

Também é necessário considerar que uma educação antirracista parte de um processo de descolonização, ou seja, de crítica aos processos etnocêntricos que marcaram a historicidade e de negação de conceitos introjetados socialmente e que reproduzem preconceitos. Entendendo a repressão a populações negras e ameríndias é possível entender como resistiram, quais são as dificuldades ainda existentes e as possibilidades de transformação por meio da ação política. A decolonialidade pressupõe uma análise complexa do mundo, por meio de aproximação, diálogo, interação e aprendizagem com a diversidade:

A decolonialidade parte da ideia do diálogo e respeito às diversas perspectivas e às diversas cosmovisões. Trata-se de um processo de desocultamento que revela caminhos, onde não pode haver uma única verdade absoluta e inexorável. Decolonialidade é diálogo partindo da consciência de uma permanente incompletude (ROCHA et al, 2020, [s.p.]).

A edição presencial contou também com a realização do seminário “Pesquisa e Extensão no Campo Campo Largo”. Foram apresentados sete projetos de pesquisa e extensão

sobre as questões étnico-raciais, todos desenvolvidos por estudantes do ensino médio integrado. As pesquisas concentravam-se nos temas de História Indígena, História Afro-Brasileira e Feminismo Negro.

Os trabalhos apresentados e seus respectivos autores foram: “A trajetória de Baquaqua pela América e suas percepções sobre o colonizador, a escravidão e a cultura”, de Letícia Ferraz; “Luiza Mahin: uma figura do movimento negro brasileiro e suas diversas representações”, de Rodrigo Matheus; “O movimento de mulheres negras no Paraná a partir da segunda metade do século XX”, de Carolina Costa; “A (re)inserção social de escravizados libertos no Paraná entre 1880 e 1900”, de Alexandre Padilha e Camile Texca; “Resistência cultural e luta pela terra na história do povo Xetá”, de Mylena Beatriz de Paula; “Percepções sobre as mulheres brasileiras nos escritos de Maria Graham”, de Isabela Class; e “Feminismo Negro”, de Gabrielle Quirino.

3 RACISMO ESTRUTURAL E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA

O preconceito é o juízo baseado em estereótipos, segundo Almeida (2019). Desse modo, ele faz com que ajamos de formas pré-estabelecidas ao nos relacionarmos com pessoas com determinadas características, mesmo sem conhecê-las. Mulheres, pessoas não heterossexuais e demais comunidades sofrem preconceito. As pessoas negras e indígenas também sofrem preconceito, mas em uma medida que requer considerar o racismo estrutural presente no Brasil, como uma “monstruosa máquina ironicamente designada ‘democracia racial’ que só concede aos negros um único ‘privilégio’: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora” (NASCIMENTO, 2016, p. 60).

O racismo estrutural está presente em todas as esferas sociais e instituições, inclusive nas escolas. As instituições como as escolas tendem a ser conservadoras e reprodutoras sociais, reproduzindo, inclusive, o racismo, afinal “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Os livros didáticos são bons exemplos de como a escola reproduz o racismo. Negros e indígenas são comumente representados nos livros e demais materiais didáticos de forma “estereotipada e caricatural, despossuídos de humanidade e cidadania” (SILVA, 2005, p. 21). Isso gera nos discentes negros e indígenas autorrejeição e preferência pela estética branca.

Assim, o livro didático promove a inferiorização do negro e, muitas vezes, isso nem é percebido pelos docentes (SANT'ANA, 2005). Lima refere-se a esse processo como uma “violência simbólica” (2005, p. 103).

Nas escolas, valoriza-se muito a cultura escrita, o que é uma herança dos costumes europeus. A desvantagem disso é que as culturas africana, afro-brasileira e indígena utilizam-se bastante da cultura oral. Esse etnocentrismo gera desvalorização e menosprezo dos saberes e culturas tradicionais (MUNANGA, 2005). Deste modo, os processos educativos contemporâneos têm desafiado os preceitos de uma cultura dominante, rompendo com os discursos hegemônicos tão presentes em currículos e práticas pedagógicas.

Durante a primeira edição da *Semana*, a Prof.^a Dra. Nelly Souza abordou religiosidades afro-brasileiras e explorou sua experiência ao produzir uma série de livros artesanais intitulada “Iabás: Histórias do Coração”. O cineasta Tiago Nascimento apresentou a série de documentários “Paraná Afro”. Florêncio Rekeyg abordou a língua e cultura Kaingang e Ana Neres descreveu os desafios da educação na aldeia Kakané Porã, na região de Curitiba.

Um evento que convida representantes dos movimentos negros e dos movimentos indígenas compromete-se a dar voz a quem é silenciado ou considerado mero objeto de estudo. Valorizar lideranças, professores e artistas negros e indígenas é indispensável para que haja representatividade nos espaços de divulgação científica e cultural. O evento também recebeu representantes do Conselho Municipal de Política Étnico-Racial (COMPER). O professor Alexandre César promoveu palestra sobre “Políticas Públicas e Ações Afirmativas” e o capoeirista Fernando Chumbinho desenvolveu atividades sobre cultura afro-brasileira e a importância sociocultural da capoeira.

As principais atividades da segunda edição foram as palestras. Mauro Leno (Fundação Nacional do Índio - FUNAI) abordou a história indígena no Paraná e destacou os processos de apropriação das terras indígenas por empresários e políticas estatais, a atual configuração das reservas indígenas e a contínua luta das comunidades para defender suas terras e tradições. A Prof.^a Dra. Lucia Helena (Universidade Estadual de São Paulo - UNESP) ressaltou a ausência de políticas estatais para a população negra no período posterior à abolição e a prevalência do racismo estrutural. A população liberta não tinha acesso à escola ou a um trabalho com remuneração mínima para sobreviver.

A resistência cultural do povo negro foi abordada pela Prof.^a Dra. Daniela Vieira (Universidade Estadual de Londrina - UEL), que abordou a história do rap e sua importância como movimento de transformação social. A professora Maria Ravazzani (Centro Estadual de

Capacitação em Artes Guido Viaro) ressaltou artistas plásticos que exploram a história do povo negro e o racismo, como Rosana Paulino e Paulo Nazareth.

A Prof. Dra.^a Flávia Rios (Universidade Federal Fluminense - UFF) também abordou o racismo estrutural e descreveu estratégias dos movimentos feministas negros na atualidade. Em perspectiva interseccional, o racismo brasileiro e a transfobia foram problematizados pela Prof.^a Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira (Universidade Federal do Paraná - UFPR). Cerca de 78% de assassinatos de mulheres trans em 2020 referem-se a pessoas negras. Para Oliveira (2020, p. 80), “é sobre os corpos pretos que o biopoder age com maior frequência. São os corpos pretos mais passíveis de serem matados. Logo, são os corpos pretos os que precisam de um maior cuidado”.

4 AVALIAÇÃO DO EVENTO VIRTUAL

O protagonismo estudantil destaca-se nos eventos. Durante a primeira edição, alguns debates, rodas de conversa e oficinas foram mediados por estudantes. O seminário “Pesquisa e Extensão no Campus Campo Largo” teve suas mesas compostas inteiramente por estudantes do ensino médio integrado. Esta prática auxilia no desenvolvimento humano integral dos estudantes, além de dar voz ao corpo discente numa instituição que vislumbra processos inclusivos e democráticos.

Durante a segunda edição, alguns estudantes auxiliaram na organização do evento, em especial, no “Slam da Diversidade”. Eles também auxiliaram com as listas de frequência e o *chat* do *YouTube* durante as palestras. O evento foi didático e lúdico. Um exemplo disso é que docentes de Arte, Filosofia, História, Língua Espanhola e Língua Portuguesa desenvolveram atividades avaliativas, que foram apresentadas na primeira edição da Semana. Tais atividades foram totalmente condizentes com o currículo da disciplina e com a proposta do evento. O evento promoveu a desconstrução de muitos estereótipos existentes sobre elementos da capoeira e sobre religiões de matriz africana, como a Umbanda. Na segunda edição, mesmo com todas as dificuldades do ensino remoto, os professores das mesmas áreas mencionadas anteriormente exploraram os conteúdos das palestras ao longo do seu planejamento, desenvolvendo atividades avaliativas vinculadas ao princípio de uma educação antirracista.

Os participantes também puderam entrar em contato direto com a cultura afro-brasileira. Isso possibilitou que muitos estereótipos fossem desconstruídos e essa cultura passasse a ser menos abstrata. O evento também auxiliou na representatividade e

autoidentificação, uma vez que contou com intelectuais negros e referenciou vários artistas e autores negros e indígenas. Isso auxilia na construção da autoestima e da identidade de jovens negros e indígenas, além de estabelecer um ambiente escolar seguro a todas e todos.

De 323 participantes, 88% avaliaram os temas do evento como *ótimo*. Em um total de 324 respondentes, 91% avaliaram o evento como *ótimo*. Os respondentes do formulário foram os espectadores do evento. Em sua maioria, eles eram professores, estudantes, pesquisadores, aposentados e integrantes de Organizações não Governamentais (ONGs) e de movimentos negros. Também não houve nenhuma resposta negativa na pergunta sobre a participação na próxima edição da Semana, caso tenha, pelo menos, algumas transmissões *on-line*. A maioria dos respondentes, 306 deles, disse que irá participar do evento nessa situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eventos como a *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* são importantes para a desconstrução de preconceitos historicamente enraizados na sociedade e para a construção de um espaço escolar mais justo, igualitário e respeitoso e a presença de pesquisadores, professores e artistas negros e indígenas no evento fortalece a desconstrução almejada. A educação para as relações étnico-raciais implica na defesa de todas as práticas de uma educação antirracista. Não basta inserir conteúdos no currículo, é preciso transformar o currículo considerando a pedagogia da diversidade, o viés decolonial, a visão interseccional sobre os movimentos sociais e a promoção de atividades diversificadas e interdisciplinares. A *Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* do IFPR, Campus Campo Largo, funciona como uma prática de interação com a comunidade e exposição de pesquisas sobre história e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. A pandemia de COVID 19 demandou o uso de tecnologias para viabilizar os eventos de extensão. A edição da Semana de 2020 foi exitosa pois teve participação de estudantes e professores de todas as regiões do Brasil que não poderiam interagir numa atividade presencial devido às dificuldades para transporte. Diante do baixo investimento de recursos para a extensão e o grande número de pessoas conectadas, o NEABI Campo Largo manterá atividades *on-line* associadas a oficinas presenciais direcionadas à comunidade.

Dentre os desafios das instituições federais para colaborar com o antirracismo, cabe destacar: aproximação com as necessidades da comunidade, revisão de currículos, colaboração com a formação de professores e demais profissionais da educação, diálogos com lideranças e coletivos indígenas e do movimento negro, bem como plano de ações conjuntas com

instituições de setores da Justiça e da Saúde para que haja amparo às vítimas de violência motivada por racismo, xenofobia, misoginia, homofobia, transfobia, lesbofobia e machismo. Precisamos, com premência, visibilizar essas pautas no âmbito de uma educação construída pelo pluralismo de ideias, rechaçando a reprodução das discriminações naturalizadas nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BORSSUK, Larissa; PADILHA, Alexandre. **As cores da diversidade**: Concurso cultural “Grafite na Escola”. Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Instituto Federal do Paraná – Campus Campo Largo, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CF0cVvNHO8S/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 14 maio 2021.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Brasília: Ministério da Educação/Secad, 2004.
- CONSELHO SUPERIOR DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. **Resolução nº 13, de 01 de setembro de 2011**. Aprova a Mudança e Consolida o Estatuto do IFPR. Disponível em: <https://reitoria.ifpr.edu.br/resolucao-132011/>. Acesso em: 14 mai. 2021.
- CONSELHO SUPERIOR DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. **Resolução nº 71, de 20 de dezembro de 2018**. Aprova o Regulamento dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI, no âmbito do Instituto Federal do Paraná. Disponível em: https://sei.ifpr.edu.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=150841&id_orgao_publicacao=0. Acesso em: 14 maio 2021.
- FREIRE, Paulo. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- LIMA, Heloísa Pires. Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério

da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-116.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 15-20.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Xicamanicongo, racismo, transfobia e o direito de matar. In: BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, Antra, IBTE, 2020. p. 75-77.

ROCHA, Paulo Henrique Borges da. et. al. Uma racionalidade moderna. In: ROCHA, Paulo Henrique Borges da. et. al. **Decolonialidade a partir do Brasil**. v.1, São Paulo: Dialética, 2020.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOARES, Maria Raimunda Penha; SILVA, Rebeca Ribeiro. Educação antirracista nas universidades públicas: novos sujeitos, velhas estruturas e demandas além das cotas. In: **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 50, p. 179-200, 2021.

Enviado em: 31/05/2021
Aprovado em: 15/07/2021